



**ESCRITURAS E LEITURAS DO PIPA NA ARTISTAGEM DO
CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**WRITINGS AND READINGS OF THE KITE IN THE ARTISTRY OF
THE PHYSICAL EDUCATION CURRICULUM**

**ESCRITOS Y LECTURAS DEL PAPALOTE EN EL ARTE DEL
CURRÍCULO DE EDUCACIÓN FÍSICA**

Flávio Nunes dos Santos Júnior

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo - (SME-PMSP)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pedagógico relatado foi produzido coletivamente com estudantes de uma escola da rede municipal de educação da cidade de São Paulo com turmas de nono ano. Localizada numa área periférica, distrito do Capão Redondo, a unidade oferece o Ensino Fundamental I e II.

O percurso trilhado coletivamente foi atravessado pela fundamentação teórica da perspectiva cultural de Educação Física (NEIRA; NUNES, 2008; 2022). Um currículo sensível às múltiplas leituras e escrituras acerca das gestualidades e significados ligados às práticas corporais e seus representantes.

Influenciado pelas teorias pós-críticas, o chamado currículo cultural tem a cultura como ponto central, fica à espreita sobre os processos de subjetivação. Isso significa que existe um desmedido esforço em compreender a maneira como a cultura interfere na constituição daquilo que somos, a forma como nos percebemos e conduzimos nossas condutas, como nos referimos aos outros, a nós mesmos e às práticas corporais. Portanto, a proposta visa potencializar a construção de narrativas outras e de atitudes éticas que viabilizem as diferenças.



DESENVOLVIMENTO

No início do segundo semestre de 2021 realizamos um diálogo voltado a rememorar as práticas corporais já estudadas. Recordamos as experiências de 2019, último ano letivo pré-pandemia. Na ocasião, tematizamos futebol, dança contemporânea, skate, bicicleta e patins. Enquanto ao longo de 2020, realizado em modo remoto a partir de abril, demos continuidade ao trabalho com futebol e dança.

Diante de tantas lembranças, o professor apresentou o tema a ser estudado: o pipa. Aqui cabe um parêntese: embora a norma culta determine o uso do artigo “a”, em grande parte da capital paulista, pipa é substantivo masculino. Retomando. Os presentes reagiram com espanto. “Pipaaa?”. O docente respondeu: “Simmm. Pipa”. Logo emergiu uma tréplica: “Mas época de pipa já passou”.

A prática foi selecionada em virtude de sua ocorrência no território onde a escola se situa, bem como pelo fato de nunca ter sido abordada no interior da escola. Em meio à surpresa, o docente sugeriu a assistência de um vídeo do comediante Thiago Ventura, no qual encena com muita diversão o modo como as pessoas vivenciam o pipa no seu bairro. Ao assistir, buscou-se identificar gestos, expressões e procedimentos da prática corporal. No final, combinamos de soltar pipa na aula seguinte.

Chegado o dia, um dos estudantes compareceu com sua carretilha e uma sacola portando sete pipas. Apresentou aos demais os tipos de pipas presentes, bem como a maneira de usar a carretilha. Após a explanação, saímos:

Prof.: “Vamos soltar de onde?”.

Estudante: “Se o vento estiver para cima é melhor empinar lá da quadra”.

Estudante: “Olha lá, o vento está para baixo.”

Estudante: “Então vamos lá para trás”.

Acomodados ao local, em poucos instantes o pipa já estava no alto. Neste mesmo momento buscou-se identificar cada gesto realizado para fazer o pipa subir e mudar de direção, são eles: bater carioquinha, disbicar, descer retão, puxada, descarregar.



No encontro seguinte elencamos os objetivos do trabalho: vivenciar a brincadeira de pipa; identificar e analisar as diferentes representações do pipa na sociedade em diferentes contextos; analisar os discursos associados aos praticantes.

Professor e estudantes notaram que o pipa ganhou significados múltiplos em diferentes contextos históricos e culturais. Isso permitiu dialogar sobre os modos como é visto no território onde a escola se situa. Os estudantes disseram: Algumas empresas utilizam o pipa para divulgar suas marcas. Tem pipa da Fundão, da Coca-Cola, do PSG, da Nike. Tem gente que trabalha com pipa. Meu pai vende pipa lá na Portela. Tem também quem use para decorar o quarto.

Outro encontro, escolheu-se para brincar com um tipo de pipa diferente do momento anterior. Decidiu-se brincar com um pipa tipo raia. O vento estava muito forte. A impressão era de que a linha não suportaria tanta força. A cada balanço a raia emitia um som, suas folhas vibravam intensamente com o vento, soavam como música.

O espaço da quadra era aberto, acessível a qualquer pessoa, repentinamente alguns meninos, moradores da comunidade, apareceram para jogar futebol. Aproximaram-se da aula, pareciam surpresos. “Fazendo o que professor?”. “Estamos soltando pipa. Já soltou pipa na Educação Física?”. “Não, nunca. Bacana. Aproveita, pessoal”.

No mesmo dia, um pai de uma estudante nos observou de longe. Meio desconfiado, andava em passos curtos e vagarosos em nossa direção. Chegou junto, puxou conversa, parecia espantado com o que via. Dirigiu a seguinte fala ao grupo: “Soltando pipa? Na minha época Educação Física não era assim. A prefeitura te paga para fazer isso?”. O silêncio abateu a todos e todas, chegava a ser ensurdecador, docente e educandos apenas trocaram olhares que diziam muita coisa.

A pergunta impactou a turma, pois deu a entender que escola não é lugar apropriado para abordar pipa. Um processo de desnaturalização passou a integrar o olhar não só dos estudantes, mas também de membros da comunidade. Um mix de espanto, indignação e encantamento parecia acometer os corpos que testemunhavam a congregação entorno de pipas, linhas e rabiolas.

Ao olharmos a ocorrência da brincadeira percebeu-se que ela acontece mais nas periferias da cidade e que a maioria dos praticantes é homens e meninos. O grupo foi



convidado a refletir sobre o caso a partir da seguinte questão: o que motiva a retirada das mulheres e meninas da brincadeira de pipa? As falas estudantis enunciadas responsabilizavam-nas pela própria exclusão: “elas não gostam de brincar”. “Não acham interessante”. “Muitas preferem outras brincadeiras”. “Tem mulheres que não curtem pipa e acreditam ser uma brincadeira de menino”. “O machismo está presente na humanidade”.

O grupo notou a estrutura que afirma certas práticas em detrimento de outras, capta os corpos autorizados a escreverem a gramática do pipa. Foi preciso questionar e escrever este texto. Para ajudar na conversa assistiu-se ao vídeo Garota pipeira tirando reló da laje, disponível no canal Rafa Pipeira.

Ter assistido à Rafa mostrando seu engajamento na prática do pipa energizou todos e todas. Elas se sentiram mais à vontade para empinar. Eles perceberam a necessidade de partilhar aquilo que sabiam não só com elas, mas também com outros garotos que não tinham tanta experiência.

Investigamos o nome que o pipa recebe em outros lugares do nosso país. Tomamos como referência o estado de origem dos familiares. Encontramos: cafifa, papagaio, quadrado piposa e pandorga compõem o vocabulário de estados do Sul. Pipa, arraia, morcego, lebreque, bebeu, coruja e tapioca, no Rio de Janeiro. Papagaio e maranhão, em Minas Gerais. Arraia, barril estilão, papagaio, pião, tapioca e bolacha, no Nordeste. Curica, cângula, jamanta, pepeta, casqueta e cambeta, no Norte.

Pensou-se, também, em dedicar atenção à confecção de pipas. Convidamos para a atividade o Vitor, estudante do 6º ano. Seu pai o ensinou a fazer pipas para ajudar na produção e abastecer o comércio da família. Providenciou-se varetas, folhas de seda, cola e linha. Vitor se encarregou de fazer as armações, mostrando aos colegas a técnica adotada. Suas mãos trançavam arte, produziam magia com desmesurada elegância. Fazia uma armação em menos de dois minutos. Grupos se formaram para encapar, escolheram as folhas conforme a cor preferida. Um trabalho artesanal coletivo: desenha, recorta, cola, dobra, estica, puxa. Não se sabia ao certo qual seria o resultado, mas apostou-se na criação, na incerteza.

Recorremos à técnica do isqueiro para realizar o acabamento. Com a manipulação, algumas folhas amassaram e aproximá-las do calor fez com que ficassem lisinhas. Passou-se à rabiola: distribuiu-se sacolas plásticas e tesouras. Vitor explicou como cortar as fitinhas e



amarrá-las. Com pipa encapado e rabiola feita, faltava apenas amarrar a linha no pipa, mas isso não pode ser feito de qualquer forma, é necessário um elemento importante, o estirante. Depois de tudo pronto saímos para brincar. Dois estudantes auxiliaram no momento de colocar o pipa de cada grupo no alto, devolvendo-o posteriormente.

A fim de ampliar os conhecimentos, fizemos uma etnografia do pipa. Em um final de semana, professor e cinco estudantes, visitaram um festival de pipa que ocorreu nas proximidades. Entrevistaram pipeiros, fizeram vídeos e fotos do encontro e, como não podia ser diferente, também brincaram.

Os registros buscaram salientar os corpos presentes neste evento, os tipos de pipa e linha usados, as características do local. Em conversa com frequentadores, um deles, era pai de uma estudante. Seu nome, Silas. Fez uma fala dizendo que o evento reúne grupos de pipeiros da Zona Sul da capital, iniciando às 7h, até às 12 é permitido somente pipa grande, após esse horário vale qualquer tipo e não tem hora para acabar. No olhar dele, pipa é uma prática marginalizada, porém o evento é um momento de estar com a família, com as crianças, e de conscientização sobre a brincadeira. Finaliza dizendo: “Pipa não é crime é arte”.

A assistência do material fez emergir a busca por movimentos que afirmassem o pipa enquanto arte, cultura. Eis que se descobriu que no Rio de Janeiro há uma lei, de 2018, que considera pipa patrimônio cultural, histórico e imaterial do estado. Isso fez o grupo consultar o site da Câmara Legislativa da cidade de São Paulo, infelizmente não há nada parecido com o que existe no estado vizinho.

Entre aulas e mobilizações de resistência contra a reforma da previdência de servidores municipais, fez-se contato com a legislatura do vereador Celso Giannazi. Em conversa com o assessor pontuou-se a constatação feita junto com os estudantes a respeito da inexistência de qualquer iniciativa de proposta que elevasse o pipa à condição de patrimônio cultural, histórico e imaterial da cidade. De pronto, abriu-se a possibilidade de dialogar no gabinete com vistas a articular tal projeto.

Na aula seguinte foi partilhado com as turmas o diálogo supracitado, alguns acharam interessante e sinalizaram disposição para comparecer à Câmara de Vereadores para levar a proposta. Apresentamos a ideia ao Silas que prontamente a aceitou.



Chegado o dia da visita, professor, estudantes e Silas, dirigiram-se à Câmara e foram gentilmente recebidos pelo vereador e sua equipe. O encontro foi marcado por uma partilha de conhecimentos. Professores e estudantes expuseram aquilo que produziram no chão da escola. Silas abordou a ocorrência do pipa no território do Jardim São Luís. Vereador explicou o funcionamento da casa e as tensões que vive no parlamento. Após uma hora de bate-papo, circulamos pelo plenário, tiramos fotos, apreciamos a estrutura e seus adornos.

Caminhando para a finalização do semestre, constituiu-se uma avaliação do trabalho a partir da visualização dos registros produzidos ao longo da tematização. Alguns mencionaram que já sabiam empinar pipa e que os aspectos históricos ajudaram a compreender melhor. Outros salientaram que a descriminalização do pipa é urgente, pois faz parte da vida de muita gente da periferia. Teve quem destacou a forma como o pipa é nomeado em diferentes lugares do país. Houve quem trouxe à tona que as aulas oportunizaram brincar com o pipa e fazê-lo pela primeira vez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tematização relatada buscou fazer da escola um lugar sensível para aquilo que acontece na comunidade, abrindo espaço para que os conhecimentos e afetos estudantis emergissem a cada encontro. As vivências e discussões se arriscaram em tencionar as verdades cristalizadas entorno do pipa, alinhou-se à multiplicidade de escrituras e leituras implicadas aos gestos e significados que compõem a sua ocorrência, bem como os seus representantes.

Portanto, o processo foi construído de forma coletiva, à medida que as vozes e gestualidades estudantis emergiam em cada cena. Ter selecionado o pipa para compor as aulas e se colocar disponível para as diferenças permite inferir que a prática pedagógica foi atravessada por um esforço de fazer justiça curricular, descolonização e reconhecimento das identidades culturais discentes. Sendo assim, potencializou as forças democráticas no interior do espaço público educacional periférico.



Ciências do Esporte / Educação Física,
Soberania Popular no Brasil e na América Latina: Redirecionando
as forças democráticas
nas águas do Dragão do Mar

17 a 22 de setembro de 2023 / Fortaleza – Ceará

REFERÊNCIAS

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativas. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2008.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Currículo cultural, linguagem, códigos e representação. In: **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022. p. 14-38.